

José María Rodríguez Olaizola

**Inácio de Loiola,
nunca só**



EDITORIAL A.O.

Título original

Ignacio de Loyola, nunca solo

© San Pablo

ISBN 978-84-285-3505-2

Tradução

Mário José Galvão de Almeida

Na Capa:

Santo Inácio de Loiola

Escultura de João Sarmento, s.j.

Capa

Francisca Cardoso

Paginação

Editorial A. O.

Impressão e Acabamentos

Sersilito, Empresa Gráfica, Lda.

Depósito Legal

454133/19

ISBN

978-972-39-0863-3

Abril de 2019

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 440

www.redemundialdeoracaodopapa.pt | livros@snao.pt

1

A ferida

Pelo caminho avança, lentamente, um grupo de homens. Dois deles carregam com dificuldade uma maca. O cansaço faz-se sentir. A chuva é companheira intermitente e a lama torna pesada a marcha. Na maca, deitado e mal embrulhado numa manta, jaz um homem. Murmura palavras desconexas, que parecem situá-lo de novo nas muralhas de Pamplona. «Vamos! Morramos com dignidade! Mostremos aos franceses como luta um verdadeiro soldado!». Por uns instantes, parece voltar ao fragor da batalha, à paixão do confronto, até que uma sombra cruza o seu rosto enquanto se vê mais uma vez a tombar. Logo mergulha num silêncio febril, enquanto os seus lábios parecem recitar uma oração, pedindo talvez a Deus que acabe com tudo de uma vez.

Nas ocasiões em que a dor abranda e consegue pensar com mais sentido, assaltam-no sucessivamente a ira, a dor, o orgulho e a sensação de humilhação. Não era desta forma que se tinha imaginado a regressar ao casario de Loiola. Que aconteceu às suas esperanças de regressar triunfante? Onde estão os seus sonhos de glória? É este o cavaleiro que ele viria a ser? Que lhe resta, afinal? Um soluço procura abrir caminho no seu interior, mas é só o seu orgulho que lhe resta, e prefere antes engolir as lágrimas que permitir

que algum dos que o carregam neste triste regresso se aperceba de como ele sucumbe por completo. Aperta os maxilares e concentra-se na dor da sua perna destroçada.

Assim avança Íñigo de Loiola, a caminho do lar familiar, da casa-torre que o viu nascer no vale de Azpeitia, há quase 30 anos. Encontramo-nos em 1521. O homem que regressa a casa fracassou. Não é melhor nem pior que muitos outros. Talvez nesta época, como em todas as épocas, não baste a melhor das vontades se a sorte não a acompanhar, se se é o filho mais novo, se o nosso protetor cai em desgraça, se se luta pelo lado perdedor, se os próprios sonhos são demasiado altos para a realidade que nos tocou... Tudo isto aconteceu a Íñigo nos quinze anos transcorridos desde que saíra de Loiola.

O filho mais novo da casa de Loiola

Íñigo cresceu num lar em que não havia mãe – D. Marina de Licona morreu pouco depois do seu nascimento – e onde certamente o pai, Beltrão Yáñez de Loiola, homem da sua época, excitava os filhos com sonhos de glória e de triunfo. Era essa voz paterna, rude e masculina, poderosa e enérgica, que se fazia ouvir na casa-torre, nesse lar órfão de mãe, contando histórias dos seus antepassados, de conquistas e façanhas, de quedas e novos surgimentos.

O que podemos imaginar da sua infância? Sabemos que, após a morte de D. Marina, o menino foi levado para a casa vizinha do ferreiro, para que fosse a sua mulher, Maria Garín, a criá-lo nos primeiros anos de vida. E depois? Como foram

esses primeiros anos? Um tempo para as brincadeiras e as primeiras lições; uma constante aprendizagem, em contacto com a natureza, nesse vale emoldurado pelo poderoso monte Itzarraitz e pelo rio Urola; um lar ruidoso, povoado pelas vozes, gritos, risos e lutas de uns irmãos mais velhos igualmente cheios de otimismo e sonhos. A progressiva aquisição do orgulho de um nome, de uma tradição, de uns antepassados heroicos e de uma história partilhada.

O que podia esperar o filho mais novo de uma família nobre, mas não exageradamente rica? Íñigo certamente não podia pensar no senhorio de Loiola, que iria, sem dúvida, parar a um dos seus irmãos mais velhos. Dos nove filhos legítimos do casamento (para não falar dos filhos ilegítimos de D. Beltrão), só o herdeiro do senhorio tinha o futuro assegurado. Quando o mais velho, João, morreu a lutar contra os franceses pelo reino de Nápoles, em 1498¹, o seguinte, Martim Garcia, passou a ser o herdeiro. De facto, quando morre D. Beltrão, em 1507, será Martim o novo senhor de Loiola. Para as três filhas, havia que acordar casamentos convenientes. Os varões restantes, Beltrão, Ochoa, Pero e Íñigo, teriam de procurar um futuro no mundo eclesiástico, no militar ou no cortesão. Íñigo empreenderá esses três caminhos. E fracassará nos três antes de regressar a Loiola, ferido e cansado, em 1521.

¹ O autor situa, por lapso evidente, a morte de João de Loiola em 1596. No artigo «Ignacio de Loyola y su familia» (disponível em: <https://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/35/06/04garciahernan.pdf>), Enrique García Hernán refere que a morte do irmão mais velho de Inácio ocorreu em Nápoles, em 1498, data que seguimos [*Nota do tradutor*].

O caminho eclesiástico

Na realidade, não se pode dizer que Íñigo tenha empreendido este caminho. Em qualquer caso, outros o empreenderam por ele. Nem sequer saberíamos que, desde a sua infância, Íñigo era – pelo menos, em teoria – eclesiástico se não fosse pelas suas aventuras menos virtuosas. Parece que os irmãos mais novos da casa de Loiola, Pero e Íñigo, foram encaminhados para a vida clerical. Nada de estranho nisso. Era uma opção bastante frequente para os filhos mais novos das casas nobres. Ela supunha o acesso a alguma posição mais ou menos estável e uma vida assegurada. Era costume naqueles séculos encaminhar, desde a mais tenra infância, os rapazes para esta via. De facto, Pero seguiu este caminho e veio a ser reitor da igreja de Azpeitia, em 1518. Contudo, Íñigo deve ter dado poucos passos (ou nenhum) nessa direção. A única fonte pela qual conhecemos o facto são as atas de um julgamento ocorrido em 1515, em que ambos os irmãos, Pero e Íñigo, apelam à sua condição clerical para sair a contento por causa de algum delito em que parece que teriam tudo a perder. De Íñigo diz-se então que nunca ninguém o viu a vestir ou a viver como clérigo e que nem sequer estava tonsurado. Não obstante, o seu apelo serviu-lhe para obter uma absolvição. Parece que o balanço do seu itinerário clerical, antes de 1521, se reduz ao uso por conveniência do título para solucionar um problema. Esta primeira incursão no mundo eclesiástico não aponta certamente para um indício de vocação pessoal e madura.

Isto não quer dizer de todo que ele não fosse, desde jovem, um homem religioso e piedoso. Era-o, sem dúvida, como tantos outros na sua época. Com uma fé apaixonada e uma piedade tradicional. Com uma devoção perfeitamente com-

patível com o espírito guerreiro e galante da época. Com um Cristianismo que bebia de imagens e quadros, de Cristos e Virgens, de missais ricamente ornamentados, de bulas e títulos, de missas e novenas, numa Igreja omnipresente, dinâmica e contraditória, necessitada de uma reforma urgente e de uma profundidade distinta. Mas isto não preocupa, nesta etapa juvenil, o rapaz, interessado noutros campos de batalha.

O caminho cortesão

Parece, contudo, que se embrenhou com um passo firme nos outros dois caminhos, o militar e o cortesão. Não é surpreendente. Numa família nobre, com um apelido a fazer valer, o acesso às cortes castelhanas e o trato com as personagens mais elevadas eram considerados, em igual medida, um direito e uma oportunidade. E é precisamente esse acesso que se abre quando D. João Velázquez de Cuéllar, um poderoso castelhano aparentado com os Licona – a família da mãe de Inácio – oferece a D. Beltrão a possibilidade de educar um dos filhos deste no seu castelo de Arévalo como se fosse um filho próprio. Íñigo será o escolhido. Numa casa em que havia já doze filhos (seis homens e seis mulheres), o rebento de Loiola seria tratado como mais um da família.

Não tinha muito a perder ao deixar pela primeira vez o lar paterno, em 1506. Sendo o seu irmão Martim o herdeiro do título e da fortuna familiar, Íñigo tinha de traçar o seu próprio caminho. Ia então repleto de esperanças, de energia, com sonhos de grandeza a bulir na sua cabeça. Via-se a triunfar nas cortes, conquistando damas e títulos; via-se a ganhar honra e riquezas que fariam empalidecer de

inveja senhores e vassallos; sonhava estar ao lado de reis, ao comando de exércitos, e escutava o seu nome a ser cantado em poemas e gestas. Sem dúvida, sonhos naturais num adolescente que sente que tem tudo ao alcance da mão: o vigor e a galhardia da juventude, a nobreza do nome, a segurança de quem nunca se estampou...

O mundo cortesão era indubitavelmente muito mais atraente do que a via clerical. No novo Estado que está a surgir sob a mão firme de Fernando, o Católico, um rapaz pode sonhar em chegar alto se jogar bem as suas cartas. João Velázquez de Cuéllar, mordomo da rainha Isabel e contador-mor de Castela, era um homem poderoso e rico, e gozava da confiança do rei. Sua esposa, Maria de Velasco, foi durante algum tempo grande amiga de D. Germana de Foix, a segunda mulher do rei. A sua casa converte-se para Inácio na porta pela qual ele sai do apertado vale de Loiola e entra no largo mundo, vertiginoso e vibrante, da Europa renascentista.

O requinte e o luxo de um palácio real são muito superiores à comodidade da casa familiar em Loiola. Acostumava-se assim o jovem Ínigo a viver entre tapeçarias e preciosidades, imagens e jóias, louças de prata, lençóis da Holanda, etiquetas cortesãs e criados sempre prontos a atender aos senhores.

Ali se forma como cortesão e como soldado. Com outros companheiros, como os filhos de Velázquez de Cuéllar, ou Alonso de Montalvo, pajem como ele e amigo querido nesses anos de descobertas e amadurecimento, aprende as artes militares e prepara-se para ocupar postos administrativos. Acostuma-se à linguagem cortês e diplomática. Forma-se em retórica, poética e música. Adquire uma delicada caligrafia que lhe será sempre útil, também quando, décadas depois, virá a escrever, de modo infatigável, cartas que chegarão a todos os cantos do

mundo. Aprende nesses anos a cavalgar e a manejar armas para a caça e para a luta.

Em Arévalo, transcorrem a sua adolescência e primeira juventude. Pouco sabemos dele nessa etapa. Possivelmente, Inácio falou com certo detalhe dela ao narrar a sua autobiografia, muitos anos depois, ao Padre Câmara. Mas tudo o que se referia ao período anterior à sua conversão ficou reduzido a uma linha, dizem as crónicas que por mandato de São Francisco de Borja, terceiro Geral dos jesuítas, que não estava muito de acordo que o mundo conhecesse a parte menos piedosa da vida do fundador. Essa solitária linha («Até aos vinte e seis anos de idade, foi homem dado às vaidades do mundo») abre a porta à especulação... Que podemos imaginar? Sem dúvida, amores primeiros, sonhos de glória e poder, episódios violentos, competição entre iguais para alcançar visibilidade e apreço. De facto, é em 1515 que tanto Íñigo como o seu irmão Pero são julgados, em Azpeitia, por um delito sério que não conhecemos, e escapam alegando a imunidade clerical. Vai-se perfilando diante de nós um jovem impulsivo, vital, enérgico e disposto a jogar bem os seus trunfos, uma e outra vez.

Que ideais encheriam o seu coração e a sua cabeça? Os da cavalaria, com o seu exaltado orgulho e o seu mundo de façanhas e honras? Os discursos humanistas que começam a provocar os pensadores da época? Os relatos aventureiros, com notícias, ainda vagas, de terras longínquas recém-descobertas e lugares exóticos repletos de riquezas? É muito possível que uma mistura de tudo isto vá enchendo a cabeça do jovem à medida que cresce, vive, ama, luta, ri e sonha.

Ali passam os anos, entre torneios e banquetes, entre lições e acontecimentos. De vez em quando, a corte vem a Arévalo. Outras vezes, é a família que se desloca até Burgos ou Sevilha,

Valhadolid ou Toledo, seguindo o rei. Talvez ao longe veja Inácio as personagens cimeiras da sua época: o rei Fernando, «o Católico», a sua segunda mulher, D. Germana de Foix, Joana, a rainha louca, encerrada em Tordesilhas, ou a sua filha, a bela infanta Catarina; todas elas são presenças que fazem o rapaz sentir-se importante, poderoso, forte, ambicioso e capaz...

No entanto, este período cortesão acabará pior do que o esperado. Nada fazia pressagiar, nos primeiros anos felizes de Íñigo em Arévalo, que o seu protetor, o poderoso Velázquez de Cuéllar, viria a cair em desgraça. E, apesar de tudo, assim aconteceu. Nos primeiros anos do reinado de Carlos I, o jovem monarca, ignorante das tradições castelhanas, quis impor algumas medidas chocantes. Entre elas, converter Germana de Foix, a viúva de seu avô, em senhora de Arévalo. A oposição de Velázquez de Cuéllar à medida, contrária aos antigos privilégios reais da vila, que não se devia desvincular da coroa, leva-o a perder, em 1516, o favor do monarca e a sua posição na corte. Morre em agosto de 1517, gasto e fracassado.

O caminho cortesão parece complicar-se, de momento, para Inácio. E se é um caminho tão fugaz, tão efêmero e volátil, onde hoje se é senhor e amanhã não se é nada, talvez não valha a pena procurar um futuro nele. Se um homem honrado e nobre, como D. João, pode perder o favor dos reis por permanecer fiel ao que julga ser justo e legítimo diante de decisões caprichosas dos monarcas, e com isso se vem a desmoronar tudo o que construiu durante toda a vida, não será este um caminho demasiado arbitrário? Vale a pena continuar a lutar por uma posição, uma nomeação, um lugar na corte? Algo de semelhante deve ter impelido Íñigo a inclinar-se, nesse momento, para a via militar. Ou talvez não tenha havido outro remédio. Sem protetor, sem influências suficientes, sem

ter tido tempo para demonstrar a sua capacidade, via encerrar-se diante de si as portas da administração do Reino.

No entanto, a queda não é tão trágica. Entre as últimas disposições do seu protetor conta-se recomendar Íñigo ao duque de Nájera, para que o acolha como parte da sua Casa. Não parece um mau arranjo para o jovem, que, aos vinte e cinco anos de idade, e passado o tempo da preparação, precisa de exercitar o que aprendeu e avançar, com passo firme, no mundo.

O caminho militar

Em 1517, Íñigo afasta-se definitivamente de Arévalo e dirige-se a Pamplona, para ir ter com D. António Manrique de Lara, duque de Nájera e vice-rei de Navarra. Ali passa a fazer parte da casa do duque, o que lhe permitirá ir-se adentrando no caminho militar, num tempo de agitação e lutas que vai exigir indubitavelmente bons soldados e homens bem preparados.

Navarra é, nesse momento, um reino pelo qual os monarcas franceses e espanhóis vêm a lutar desde há anos, em pleno processo de consolidação dos seus novos estados. É um reino também dividido por lutas intestinas entre clãs dependentes da coroa castelhana (beamonteses) e clãs que se lhe opunham (agramonteses). Em 1517, Navarra era parte do reino de Castela, mas uma parte não consolidada e constantemente ameaçada por revoltas internas ou por invasões externas. Trata-se indubitavelmente, como Nápoles ou Milão, de uma peça importante no grande tabuleiro do jogo em que se vai perfilando a política europeia no início do séc. XVI. À sua capital, Pamplona, chega Íñigo em finais de 1517, disposto a participar no apaixonante confronto diplomático e militar que se está a desenrolar.

Conhecemos desta etapa dois episódios, em particular, que nos permitem vislumbrar em que se ia convertendo o jovem Íñigo, que chega a casa do duque ávido de glória, de mundo e de viver com intensidade. Esses episódios falam-nos de um jovem orgulhoso e apaixonado.

Descobrimos o jovem orgulhoso quando, pouco depois da sua chegada, é atacado por um grupo de homens nas ruas de Pamplona. Por que razão o atacaram? Talvez os agressores pertencessem a um bando rival nas lutas de clãs que desentendiam as famílias mais poderosas de Navarra? Estariam talvez aborrecidos com algum aspeto ou atitude do recém-chegado? A verdade é que procuram subjugá-lo. A reação de Íñigo não é temerosa. Desembainha a espada e põe-nos em fuga. Este não é certamente um homem disposto a deixar-se amedrontar. Está mais preparado para a luta do que para a rendição.

O elemento passional assoma no seu pedido de licença de armas, apresentado ao rei em 1518. Fê-lo porque sentia a sua vida ameaçada. E a causa de uma tal ameaça não era outra senão uma confusão de saias. A inimizade de um criado, um certo Francisco de Oya, desde os tempos de Arévalo, e presumivelmente por causa de uma mulher, acaba por levar Íñigo a solicitar ao rei a permissão de porte de armas para se defender, temendo que o tal Francisco decida lidar com o assunto à força. A autorização ser-lhe-á concedida em 1519 e prorrogada no ano seguinte. Percebemos neste episódio o jovem galante, um tanto mulherengo e de novo preparado para a contenda.

Arrogante ou simplesmente filho da sua época? Valente ou belicoso? Digno ou vaidoso? Orgulhoso ou insensato? Talvez existam nele todas estas sementes, à espera de ver o que germina e o que é levado pelo vento.

A vida militar passa, por fim, do exercício à realidade. No contexto conflitual da chegada de Carlos I ao trono de Espanha, surgem focos de resistência e incomodidade pela excessiva influência dos flamengos chegados com o novo rei. A mais conhecida destas revoltas será a dos comuneiros, em Castela, esmagada a 23 de abril de 1521 em Villalar, nas proximidades de Valhadolid. À sua sombra, e aproveitando o alvoroço, surgem muitos outros focos de descontentamento e violência. O rei Francisco I de França decide também enfrentar o monarca espanhol e, para tal, encontra em Navarra o cenário perfeito, apoiando o príncipe Henrique Albret, aspirante ao trono deste reino.

Fala-se de uma guerra iminente. Não cessam os movimentos de soldados. Parece chegar, por fim, a hora sonhada por Íñigo. Até agora, tudo o que fez foi exercitar-se. A caçar ou a participar em torneios, aprendeu a utilizar as armas, mas sempre em cenários ociosos, fáceis, inúteis. Se lutou, foi em tugúrios ou em brigas ocasionais, com meliantes ou nobres tão entediados como ele. Sempre por motivos fúteis, já desvanecidos. Chegou agora o tempo de lutar de verdade. Ao lado do vice-rei. Pelo rei. Contra a França. Chegou agora o momento de mostrar verdadeiro valor, de dar novo brilho ao nome de Loiola. É a guerra que faz heróis e abre futuros. Íñigo vê chegado o seu momento. Desperta. Agita-se enquanto vão chegando as notícias.

Multiplicam-se os focos de conflito. Os camponeses de diversas localidades de La Rioja, contagiados pela inquietação comuneira que tinha agitado Castela nesse verão, levantam-se contra os seus senhores. Entre eles, estão os habitantes de Nájera, que se levantaram contra o duque. Este avança até à vila com dois mil homens, entre eles Íñigo. Combatem com

arrojo e recuperam a cidade, que saqueiam sem piedade, embora Íñigo não tome parte no saque. Parece considerar que o guerreiro só combate pela nobreza, pela causa que defende, e não pelo despojo. Este confronto, a 16 de setembro de 1520, coloca-o pela primeira vez diante da guerra, da violência, da morte e do triunfo. E alimenta o seu heroísmo, a sua fome de luta e vitória, a sua impaciência.

Tem lugar então um episódio em que não se chega a derramar sangue. Também à sombra da rebelião comuneira, parece iminente um conflito bélico entre as vilas da Guipúscoa. De janeiro a abril de 1521, durante meses frenéticos, e diante da perspectiva de uma guerra civil destrutiva, o vice-rei busca a paz, negociando com a ajuda dos seus homens mais fiéis, entre os quais Íñigo. Finalmente, a 12 de abril, logram uma resolução pacífica do conflito entre as vilas guipuscoanas. Será que Inácio se descobriu aqui como um diplomata, negociador e hábil? No futuro, certamente sê-lo-á. A sua formação cortesã preparou-o provavelmente para dialogar, para convencer, com firmeza ou com sedução, interlocutores pouco dispostos a tal. Esta prova parece superada e um novo incêndio foi apagado.

Contudo, a faísca está ateadada. Falta apenas ver quando estalará o verdadeiro conflito, o de Navarra. Chegam rumores da fronteira. Fala-se de um exército de franceses, de alemães, de uma invasão iminente, que finalmente tem lugar a 12 de maio de 1521. Os invasores avançam ocupando sem resistência as localidades importantes que encontram pelo caminho. Em poucos dias, chegam aos arredores de Pamplona. É um exército que reúne franceses e alemães a navarros e bascos fiéis a Henrique. A cidade não está preparada para uma resistência demorada. O duque parte para Segóvia e envia Íñigo a Guipúscoa para buscar ajuda. Na cidade, restam milicianos e

poucos soldados. Quando Íñigo regressa, juntamente com o seu irmão Martim e as tropas de reforço, encontra uma cidade assustada, pouco disposta a lutar e muito mais inclinada a entregar-se do que a opor resistência. Martim indigna-se com esse derrotismo e volta para trás. Íñigo nega-se a fazê-lo. Entra na cidade e, com as suas tropas, une-se aos poucos defensores entrincheirados na cidadela, um fortim no interior de Pamplona.

Podemos imaginar as razões para a sua persistência. Para Martim, era fácil ir-se embora. Voltava para sua casa, para o seu senhorio, sua esposa e sua vida. Tudo somado, tem muito a perder e não vale a pena arriscá-lo se a causa se mostra muito difícil. Mas, para Íñigo, isto é a sua vida. Não tem muito a perder e, em todo o caso, a fuga seria a verdadeira perda para ele. Vai escapar, renunciando à luta, depois de tantos anos de preparação? Será esta a antecâmara de um novo fracasso? Que lhe resta, se se afastar agora de Pamplona? Irá também naufragar no campo militar? O orgulho e a honra falam mais alto aos seus ouvidos do que o senso comum e a prudência. O cálculo rende-se diante do ímpeto da paixão. «Haverá outras ocasiões para lutar», repetem os cidadãos. «Não se pode combater diante de tal desproporção», insiste Herrera, o comandante das tropas da cidadela. Íñigo não o pode aceitar. Não quer. Talvez não saiba.

A cidade entrega-se sem lutar. Apenas permanecem firmes, por agora, os soldados da cidadela. Negoceiam com o inimigo. Os franceses querem a rendição. Herrera está disposto a negociar uma capitulação honrosa. Só Íñigo argumenta em contrário. É tão persuasivo, tão convincente, tão apaixonado no seu discurso que os oficiais e o próprio governador, até aí decididos a entregarem-se, veem-se impulsionados a lutar e a

continuar a resistir, encerrados na cidadela, por orgulho, por fidelidade à sua causa e lealdade ao seu rei.

Encomendam-se a Deus, cada qual com as palavras que lhe brotam da alma. Começa a batalha. Estamos a 20 de maio de 1521. Pese embora a evidência, a lógica e o número, a defesa resiste. Um punhado de homens, numa fortaleza não excessivamente sólida, aguenta o embate de 12.000 soldados, debaixo de um persistente fogo de bombardas. Ínigo luta. Entrega-se totalmente ao combate. Grita, anima, ataca, detém-se para tomar impulso, volta à carga...

Sente então um golpe brutal. Ao princípio, nem se dá conta da dor. Olha para baixo e vê sangue, sente que as pernas já não o sustêm, e enquanto perde pé e se precipita para o solo, rodeado de fumo e alaridos, pensa que, pelo menos, lhe resta esta morte, esta despedida, este final glorioso digno da sua casa e do seu nome.

Uma bala de canhão, passando através da ameia, destróçou-lhe o joelho e causou dano também na outra perna. Para ele, acabou a batalha. A fortaleza ainda resistirá, mas pouco, até que a artilharia pesada dos franceses acabe por derrubar os muros. A derrota é absoluta. Lá dentro, amontoam-se cadáveres e feridos num quadro horrendo, como sempre acontece quando vence o sangue, quando o homem luta com o homem, quando a guerra se converte no grito selvagem que serve para uns poucos alcançarem os seus fins.

Após a rendição, vêm as negociações. A celebração dos triunfadores, ébrios de vitória. A entrega dos vencidos que se mantêm de pé. Os primeiros tratamentos para os que ainda têm esperança de cura. As orações para os restantes.

Ínigo não morreu. Por muito que lhe custe, foram as pernas que lhe ficaram partidas. Morreram talvez os seus sonhos

e o seu orgulho. Jaz no solo da fortaleza, ferido o corpo e perdido o ânimo. Nem morte, nem glória. Só derrota. É um mau balanço para o sonhador e uma dura lição para o homem.

Ganhou o respeito dos seus inimigos, que reconhecem nele um digno rival, um lutador que demonstrou valor e energia. Durante uns dias, cuidam dele, tratam-no os médicos, visitam-no amigos e rivais. O ferido mantém a compostura. Sofre em silêncio e só quando fica sozinho parece abater-se sobre ele uma nuvem de desespero e tristeza. Que fez na vida? Nada. O que alcançou? Nada. Que lhe resta, após longos anos querendo construir uma vida neste mundo? Só palavras bonitas e palmadinhas nas costas. Só elogios de compaixão, que magoam tanto como punhais para quem aspira a ser admirado, não que tenham pena dele. Que fez de mal? Nada. Por instantes, reza, mas mecanicamente. Deus está demasiado distante das suas preocupações e dos espaços em que se desenvolve a sua vida.

Quando a dor abranda e parece fora de perigo, decide-se que regresse a Loiola. Ali, na sua terra, com a sua família, poderá restabelecer-se pouco a pouco. Íñigo duvida, mas esta sua dúvida está vencida de antemão. Na realidade, não tem outro sítio para onde se dirigir. Dois homens preparam uma maca com paus e panos. Nela estendem Íñigo. Abandonam Pamplona, e o mais jovem dos Loiola sente, ao deixar a cidade, que não lhe resta nada.

Índice

<i>Carta-apresentação</i>	5
<i>Prólogo</i>	7
1 – A ferida	11
O filho mais novo da casa de Loiola	12
O caminho eclesiástico	14
O caminho cortesão	15
O caminho militar	19
2 – O «melhor» santo do mundo	27
A cura	30
A convalescença	33
Os primeiros passos	43
Surge o peregrino. Montserrat	48
O santo, o dedo, a Lua e Deus	52
3 – Quando Deus fala	55
A vida em Manresa	59
A noite escura de Íñigo	62
Há que deixar que Deus faça	67
Como um mestre-escola trata uma criança	69
Visões e outras raridades. Quando fala o místico	74
De novo em marcha	77
4 – Peregrino	81
Preparativos	82
A caminho	87

Roma	92
Veneza	97
Últimos passos	100
Jerusalém	102
5 – Incertezas hispânicas	107
Retroceder caminho	109
Barcelona. Latins, companheiros e penitências... ..	114
Alcalá de Henares. Tempo de suspeitas	121
Salamanca	128
A vontade de Deus, a minha vontade, a liberdade e outras circunstâncias	137
6 – Paris, estudos e companheiros	141
Vida de estudante	144
Procura companheiros	151
«Amigos no Senhor». A amizade e suas profundezas ...	156
Montmartre. O fim de uma etapa	166
7 – Tempo de espera viva	175
Regresso a casa. Azpeitia	177
De novo a caminho	186
Veneza. Um ano só. Os Exercícios Espirituais	190
Reencontro veneziano	196
Hospitais. Quando se tocam as chagas deste mundo ..	200
Sacerdotes e apóstolos	205
8 – A Companhia de Jesus	213
Até Roma	215
Roma	219
E agora, o quê? Deliberações romanas	224
Inácio, Geral da Companhia de Jesus	231
Servir ou não servir. Eis a questão	236

Índice

9 – A partir de um aposento romano	241
Pondo-se em marcha	243
Anos de crescimento. Entre grandes mudanças e pequenas histórias	252
As saudades da outra vida	261
Na brecha até ao fim	264
O fim da peregrinação	271
 <i>Epílogo agradecido. Quinhentos anos depois... ..</i>	 279
 <i>Índice</i>	 285